

Corpo, Imagem, Objeto: A cadeira LC9 e Charlotte Perriand

Silvana Rubino

Professora do Departamento de História/ Pesquisadora
do Centro Interdisciplinar de Estudos da Cidade (CIEC)
da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil



APRESENTAÇÃO

Em livro de 1996, a arquiteta, crítica e feminista Beatriz Colomina observou que a maioria dos edifícios projetados e construídos por Le Corbusier são fotografados sem mostrar pessoas – o que no limite, observemos, significa mostrá-los sem uso – e que nas poucas exceções vemos mulheres que parecem evitar a câmara: estão comumente distantes ou de costas. A autora cita como exemplo mais eloqüente dessa condição uma foto realizada no *Salon d'Automne* de 1929 em Paris, que mostra um ambiente criado por Le Corbusier em parceria com a jovem designer Charlotte Perriand lembrando que parte dos móveis ali exibidos ela já havia concebido e mostrado antes de começar a trabalhar com o conhecido arquiteto, e que o nome de Perriand foi desde então eclipsado de sua autoria.

In this image, which Le Corbusier published in the *Oeuvre complete*, Perriand herself is lying on the chaise-longue, her head turned away from the camera. More significant, in the original photograph employed in this photocollage (as well as in another photograph in the *Oeuvre complete* that shows the chaise-longue in the horizontal position), one can see that the chair has been placed right against the wall. Remarkably, she is facing the wall. She sees nothing. (COLOMINA, 2000 [1996]: 269)¹

1 Beatriz Colomina fez parte da publicação coletiva *Assemblage*, que buscou situar-se numa certa contramão em meio a outros periódicos de arquitetura, numa postura autodenominada pós-crítica.

A personagem analisada, já no final de sua vida e ainda em plena atividade, teve conhecimento da análise de Colomina e a ela reagiu, argumentando que havia virado seu rosto apenas para não aparecer na foto, pois o que deveria sobressair era a cadeira que, como bom móvel moderno e industrial, deveria poder ser usado por qualquer um. Ao refutar a interpretação da imagem, reafirmou um postulado central à própria idéia de mobiliário industrial: a produção em série e o usuário anônimo. Mais do que tomar partido entre a designer e sua analista, pretendo aqui propor outras possíveis leituras da fotografia de Charlotte Perriand em sua cadeira, recuperando seu papel no famoso ateliê da rue de Sévres, aludindo a trechos de sua autobiografia – plena, como não poderia deixar de ser, de ilusões biográficas – para pensar na dupla condição de gênero na elaboração e uso de objetos como a referida *chaise-longue*. Uma jovem deitada em uma cadeira de metal pode ser um pretexto para examinarmos fronteiras entre gênero – artes maiores e menores, por exemplo, artesanato e arte industrial – e gênero entendido como a contenciosa e negociada relação entre os sexos.